

Amnésia

Os Sentinelas Vermelhos

L. MATHEUS

Amnésia

Os Sentinelas Vermelhos



Rio de Janeiro
2015



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Amnésia - Os Sentinelas Vermelhos

Copyright © 2015, L. MATHEUS

Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Carla Dawidman

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M378a

Matheus, Lucas

Amnésia - Os sentinelas vermelhos / Lucas Matheus - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2015.

226p. il.; 21cm

ISBN 978-85-5589-000-0

1. Fantasia - Ficção brasileira. 2. Ficção brasileira. I. Título.

15-27712

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

29.10.15

29.10.15

Para Neuzimar Vasconcelos, que me ajudou a tornar este sonho uma realidade.

Sumário

Capítulo 1	
Sem lembranças	9
Capítulo 2	
Tentativa de fuga	19
Capítulo 3	
Amnésia Neurológica.....	23
Capítulo 4	
Leticia.....	31
Capítulo 5	
Os Sentinelas Vermelhos	39
Capítulo 6	
Fazendo as compras	49
Capítulo 7	
Um lugarzinho no meio do nada	71
Capítulo 8	
O funeral de um mercenário.....	109
Capítulo 9	
Um novo inimigo	123
Capítulo 10	
Como se fosse a primeira vez	135
Capítulo 11	
A gratidão da Morte.....	149
Capítulo 12	
O Museu de Antiguidades da Senhora Margareth Staeler....	167
Capítulo 13	
Destino final	183

Capítulo 14	
O dia em que tudo aconteceu	199
Capítulo 15	
Orlog, o Profeta e os Oito Dons	211

Capítulo 1

Sem lembranças

...E a garota acorda com os olhos arregalados. Ela não se lembra de nada. Tudo, tudo o que ela já viveu é um borrão. Ela só se lembra das coisas mais básicas, como falar e andar. Ela também sabe que vive no planeta Terra e como funcionam as coisas; a única coisa de que realmente não se lembra, é da sua vida. Por algum estranho motivo não consegue se lembrar de nenhum acontecimento de sua vida.

Ela está deitada em uma cama com um colchão fino e duro, um travesseiro desconfortável, e, só de olhar para o teto revestido com cerâmica branca, percebe que está em um hospital. A sua têmpora esquerda lateja e dói constantemente. Ela então inspira e respira, inspira e respira, inspira e respira...

Após alguns segundos, ela reúne forças e se senta na cama. É nesse momento que ela se sente totalmente desconfortável, pois percebe que está rodeada de seis pessoas estranhas; bom, pessoas não é bem o termo a ser usado para os indivíduos que estão na sala. Todos até parecem humanos, quatro aparentemente *são* humanos, mas os outros dois não. É um homem e uma mulher. O homem é alto, esguio e lindo. Seu rosto é bem alinhado e ele tem olhos verdes da cor das folhas das árvores. Suas orelhas são pontudas, sua pele é alva e seu cabelo é negro como a noite —descendo em cascata até o meio de suas costas, liso como seda—, e suas unhas são grandes e afiadas. A vestimenta dele é tão estranha como suas orelhas. Ele usa um tipo de armadura feita de folhas e galhos, com exceção da placa de peito e das caneleiras. As caneleiras são feitas de aço puro e pintadas de verde, em um tom quase igual ao das folhas que compõem o resto da armadura. Por cima da tinta verde tem detalhes em dourado, que se entrelaçam criando um desenho bem interessante, parecido com galhos secos. A placa de peito também é feita de aço puro e pintada de verde, só que em um tom mais escuro como musgo. Envolvendo seu braço direito há finas faixas de cipó, que se cruzam e formam um “x”. Suas luvas

são feitas por duas camadas de folhas e seus dedos ficam nus. A garota fica intrigada e ao mesmo tempo maravilhada com aquela armadura, então pensa, “*Como ela foi feita, afinal?*”. Para completar, esse homem usa uma capa com capuz que também é feita de folhas. O capuz está abaixado e o homem olha pela janela com uma expressão preocupada estampada no rosto. Ele aparenta ter 20 anos de idade.

A mulher é extremamente linda, uma beleza *tão* extraordinária que parece inacreditável; com certeza é a mulher mais linda do mundo. É alta, magra, porém tem um corpo escultural com seios enormes e belas pernas; além de bonita, ela também é muito sexy. Seu cabelo é ondulado, castanho-escuro e se estende até seus pés, um cabelo realmente lindo de se ver. Até aí tudo bem. Ela ainda parece normal se não fossem suas orelhas, também pontudas, e seus olhos iguais aos olhos de um gato e são da cor de gelo. A mulher tem uma aparência latina com uma pele bronzada e é fisicamente perfeita. Outra coisa que chama atenção é uma tatuagem. A bem da verdade, aquilo mais se parece com um sinal, uma marca de nascença. Trata-se de um “x” com as pontas arredondadas em espiral. Essa marca é preta e fica entre os seus seios, é bem grande e visível a qualquer um que possa ver. A mulher veste uma saia lilás de tecido leve e transparente que arrasta no chão, tão transparente que é possível ver a calcinha através dela, porém a garota não se importa em saber a cor da peça. Pregado na saia há um detalhe feito em renda branca na altura da cintura da moça, e bem no centro do detalhe tem uma pequena esmeralda que faz os olhos de qualquer um brilharem; a pedra fica bem embaixo do seu umbigo. Somente nesse momento a garota percebe que a mulher realmente tem uma tatuagem, que fica na sua coxa esquerda. A tatuagem é vermelha da cor do sangue e é o símbolo do cavalo do xadrez. Na parte superior, ela usa apenas um sutiã branco, um colarinho no pescoço, munhequeiras nos pulsos e um bracelete em seu braço esquerdo. Todas essas peças são feitas de renda branca e há uma pequena esmeralda no centro do sutiã e do colarinho. A garota ainda a admira quando percebe seus belos brincos, que são feitos com o mesmo tipo de esmeralda que enfeitam a roupa, só que cada brinco contém

três pedras, uma embaixo da outra. A mulher parece ter uns 21 anos de idade.

Dos outros quatro, os que parecem humanos, tem um que mais chama a atenção da garota. É um homem mediano, magro e esguio, com olhos castanho-escuros. Ela não consegue ver mais detalhes por causa da sua roupa, que cobre basicamente seu corpo todo. As únicas partes visíveis são seus pés, seus dedos, seu braço esquerdo e seus olhos. Na parte inferior, ele usa uma calça frouxa grafite com detalhes em vermelho; nos pés, usa chinelos de madeira bem orientais. Na parte superior, ele usa uma camisa preta com capuz e de mangas compridas, porém a peça só tem a manga direita. O capuz está colocado e por cima da camisa ele usa um meio *kimono* da cor da calça. No seu braço esquerdo há um bracelete de prata em formato de dragão. Também usa luvas pretas que deixam seus dedos à mostra. Em seu rosto há uma máscara parecida com as dos ninjas dos filmes, deixando apenas seus olhos visíveis. O capuz fica por baixo da camisa preta, escondendo seu pescoço, e pela cor de seu braço, é um homem moreno. Na sua cintura há uma faixa vermelha da cor do sangue, e nela há um pequeno círculo grosso de metal, com uma *Katana* embainhada e um coldre. A bainha e o punho da espada são feitos na cor preta e vermelha. No coldre há uma Magnum 357. E, por fim, há duas foices de cabo médio com lâminas enormes presas uma à outra por uma corrente que parece ser feita de aço puro. O homem amarrou a corrente ao seu peito e as foices descansam atrás de si. A garota não tem ideia da idade daquele homem.

Ao lado do homem misterioso está uma mulher, que também é linda e parece ter os seus 26 anos. Ela é asiática, baixa, magra e sexy, com olhos cor de mel. Seu cabelo é liso, preto e curto na altura do queixo. Ela usa um vestido roxo decotado e curto com dois palmos abaixo da cintura e de mangas compridas. O vestido não é colado ao corpo, mas também não é totalmente largo. Nos pés, ela usa uma bota de salto alto que vai até sua coxa. A sua coxa aparece em um pequeno espaço entre a bota e o vestido. Ela usa um cordão com um pingente de prata em forma de cruz e também tem uma tatuagem, que é vermelha da cor do sangue e também é uma cruz. A tatuagem

foi feita na sua mão direita. Além disso, ela carrega uma bolsa de alça masculina de couro no ombro. Força um sorriso torto, mas aparentemente está aflita com alguma coisa.

Do outro lado da sala, encostada na parede, ao lado da porta, há uma outra mulher. Ela é alta e muito bonita, a mais bonita depois da odalisca. É magra e muito sexy, seus seios são grandes e bem sustentados, seu cabelo é liso, médio, loiro, e amarrado no estilo rabo de cavalo. Seu corpo é sarado e seu rosto bem desenhado, nariz afilado e lábios carnudos, seu olhar é sedutor e seus olhos são azuis. Sua pele é branca e a única parte do seu corpo que parece delicada são suas mãos. Aparenta ter 25 anos de idade. Ela usa um colete sem mangas aberto com um “v” até a extremidade de baixo, que vai até cinco centímetros abaixo dos seus seios; além disso a peça tem uma gola alta e metade dos seus seios fica à mostra por conta da abertura do colete. Ela usa cotoveleiras pretas de pano com lycra e luvas de couro que deixam seus dedos nus. No braço direito, acima da cotoveleira, ela usa cinco faixas de couro finas: duas se cruzam formando um “x”. Logo acima desse “x” tem apenas uma faixa e, acima dela, as outras duas formam outro “x”. No braço esquerdo, bem onde fica o seu bíceps e o seu tríceps, ela usa uma única faixa de couro preta. Já no pulso do mesmo braço, ela usa uma pulseira média de couro, também preta. Na parte inferior, veste uma calça de couro preta bem colada ao seu corpo. Na cintura, usa um cinto preto de couro, porém ele não está preso a calça, parece apenas um detalhe. Ela também usa joelheiras pretas. Preso na perna esquerda tem um coldre para pequenos itens, e, nos pés, coturnos pretos que vão até abaixo dos joelhos. Uma mulher bem interessante capaz de deixar qualquer homem louco. Ela também tem uma tatuagem, que fica no seu braço esquerdo acima da faixa de couro. É vermelha da cor de sangue e é um punho cerrado.

O último dos quatro é um homem branco, atraente e charmoso que parece ter 22 anos. Ele é alto, um pouco musculoso, seu cabelo é castanho e curto, liso e grosso formando um pequeno topete. Seus olhos são castanho-escuros e ele tem uma barba bem ralinha, que apenas sombreia o seu rosto. Está usando uma calça de pano marrom escura, um cinto marrom

mais escuro que a calça, que tem uma fivela de ouro com um pequeno detalhe talhado no centro, e uma camisa branca de mangas compridas e a gola aberta com quatro botões, porém somente dois botões estão abertos e as mangas dobradas até os cotovelos. Nos pés usa um sapatênis cinza com detalhes brancos. Ele é outro que também tem uma tatuagem; na verdade duas. As tatuagens são um par de asas, uma em cada pulso, e são vermelhas da cor do sangue. De todos, ele é o único que tem um olhar penetrante, misterioso e é por isso que a garota não consegue parar de encará-lo. Ela sente medo e curiosidade enquanto olha para aqueles olhos profundos. O belo homem percebe que está sendo encarado e então olha fixamente para a garota, que mesmo muito assustada não consegue parar de encará-lo. Os dois se encaram, quando ele pergunta grosseiramente:

— O que está olhando?

A garota se assusta bruscamente. O homem começa a caminhar na direção da cama onde ela está. A garota se afasta para trás e se encosta na cabeceira, apavorada. Quando o homem se aproxima dela, a mulher asiática segura no peito dele, parando-o:

— Calma, Apolo...

— Me solta!

O homem empurra a mulher bruscamente e então chega perto da cama, aproximando o seu rosto do rosto da garota logo depois. Ela está apavorada e imóvel. O homem olha dentro dos seus olhos e então diz secamente:

— Que bom! Você acordou! A gente já pode ir.

Totalmente confusa, ela acordou em um hospital e não faz ideia de onde fica, não se lembra da sua vida, não sabe quem é, está rodeada de estranhos e agora tem que ir para algum lugar. Ela hesita um pouco, mas acaba perguntando:

— Ir? Pra onde?

O homem dá um sorriso de deboche e então murmura:

— Pfff...

— Com licença!

A odalisca afasta o homem da cama. De perto, ela é ainda mais linda. A moça se senta na cama, estende a mão para a garota com um sorriso no rosto:

— Olá! Prazer, eu sou a Berry!

A garota continua imóvel, olhando para a mão da odalisca.

— Pode pegar, eu não mordo — diz em tom descolado.

Nenhum movimento da parte da garota. A odalisca baixa sua mão, e então diz:

— Tá, tudo bem... Vamos começar de novo... Eu sou a Berry! Aquele é o Hadrián!

Ela aponta para o homem de orelhas pontudas e armadura de folhas, depois para o homem das foices e continua:

— Zenon! Daisy!

Ela aponta para a mulher de vestido com o cordão de cruz, depois para a mulher loira:

— Indra!

Por fim, ela olha para o belo homem e fala com um sorriso no rosto:

— E este é o Apolo! Ele é meio grosso, mas é uma ótima pessoa.

A garota ainda está muito assustada com tudo, então pensa, “*Quem são aqueles? O que eles querem de mim?*”. Ela não está conseguindo raciocinar direito, sente dor de cabeça e está nervosa por não conseguir se lembrar de nada. Depois de alguns segundos criando coragem, ela pergunta em um tom quase inaudível:

— Quem são vocês?

A odalisca não perde tempo em responder, sempre com um belo sorriso no rosto. A garota não sabe por que, mas aquela mulher lhe passa um ar de confiança.— Somos os Sentinelas Vermelhos! Estamos aqui para te proteger.

“*Proteger? Como assim? Eu acordo sem lembrar de nada e já estou correndo perigo?*”, ela pensa.— Proteger de quem? — pergunta a garota.

— Bom...

— Berry, eu assumo!

Foi Zenon quem interrompeu a odalisca. Ela retruca com um gesto de obediência:

— Sim, chefe.

Berry se afasta da cama e Zenon se aproxima, mas não muito. Ele olha fixamente para a garota, deixando-a totalmente

desconfortável, pois de todos, ele é o que lhe dá mais medo. Sem perder muito tempo, ele vai direto ao ponto:

— Me escute bem, garota! Você escondeu o Amuleto de *Kuphila* e por isso todos que estiverem sob o comando de Orlog irão lhe caçar. Você é só uma garota e tem toda uma vida pela frente, não precisa entrar nesse jogo perigoso. Só nos diga onde você o escondeu!

Instantaneamente a garota pensa, “*O quê? Amuleto de quê? Todos sob o comando de quem? Você está louco ou o quê?*”. Ela tem um pressentimento de que aquelas pessoas podem ser perigosas, por isso, pergunta em tom quase inaudível:

— Do que você está falando?

Apolo então retruca em tom incrédulo:

— Ah! Fala sério...

— Bom, se eu escondi mesmo esse tal amuleto, eu não me lembro onde o coloquei, aliás, eu não me lembro de nada, nem sequer do meu próprio nome.

Berry parece ter compreendido a situação da garota, pois pergunta:

— Isso é verdade?

A garota já está cheia dessas pessoas duvidando dela. Sim, é verdade. Ela tem certeza de que não se lembra de nada, e isto é muito ruim. Ela se sente desprotegida, sozinha, sente que qualquer um pode querer lhe fazer mal, mesmo assim, murmurava impulsivamente:

— O que você acha?

Para a sua surpresa, Berry se volta para Zenon com uma expressão séria:

— Chefe, eu acho que ela está dizendo a verdade.

— Vamos descobrir... Daisy! — diz Zenon.

Ele olha para Daisy, que instantaneamente faz que sim, abre sua bolsa e pega um frasco de vidro comum com um líquido amarelo. A mulher se aproxima da garota, que tenta se afastar, mas quando percebe, a asiática já está segurando sua boca e pingando duas gotas do líquido. Ela pensa em cuspir, mas Daisy a segura até ter certeza de que ela engoliu, e ela engole. Daisy a solta. Nesse momento, acontece algo muito estranho com a garota. Ela se sente tonta, a dor de cabeça passa, mas vê

tudo girando. A sensação mais forte de todas é de contar toda a verdade para aquelas pessoas, mas como? Ela tenta, mas não se lembra de nada. — Onde você escondeu o Amuleto de *Kuphila*? — pergunta Daisy seriamente.

A garota retrai sua cabeça para um lado, depois para o outro, seus olhos reviram toda a sala, o mundo a sua volta começa a girar mais rapidamente. Ela realmente tenta contar a verdade, mas seu cérebro não permite; parece que foi esmagado por uma pedra ou coisa parecida. Nem pensar direito ela consegue. Sem mais nem menos, sua boca se abre e as palavras que saem são:

— Eu não me lembro — repete a garota.

— Quem é você? Qual é o seu nome?

— Eu não sei! Eu quero, mas não consigo lembrar.

— Então é verdade que você perdeu a memória?

— Sim! Eu não sei o motivo, mas perdi todas as minhas lembranças...

Tudo ainda gira, mas a garota escuta o que toda aquela gente diz.— A poção não falha, chefe, a garota realmente perdeu a memória — insiste Daisy.

— Muito bem, reunião, pessoal. Lá fora! E Daisy, dê o Anulador a ela! — ordena Zenon. — Sim, chefe!

Então todos eles começam a sair da sala, com exceção de Daisy, que se aproxima novamente da garota, segura seu queixo e pinga quatro gotas de um líquido transparente na sua boca. Logo depois Daisy sai da sala, às pressas, e a garota cai zozona em cima da cama.

Passam-se apenas alguns minutos até que a garota volte ao seu estado normal. Ela não tem nem ideia do que pode ter causado aqueles sintomas, então pensa ter sido algum tipo de droga, afinal *só* pode ter sido isso, porém não importa agora. O que importa é que esses indivíduos são loucos e devem estar planejando fazer algum tipo de maldade com ela. “*Reunião? O que aquele maluco quis dizer com reunião? Será que eles vão me matar? Ah! Meu Deus...*”. Ela se assusta bruscamente ao imaginar a situação. Foi o próprio Zenon quem disse que ela tinha uma vida toda pela frente, e, o que ela menos quer no momento, é morrer. Subitamente, ela se pega pensando em

uma coisa inusitada, seria se arriscar demais, mas é genial, “E se eu fugisse... Não, é arriscado demais, mas... É isso que eu tenho que fazer. Fugir! Fugindo desse hospital, eu consigo fugir dessas pessoas, mas, como eu vou fazer isso? Não importa! Eu só tenho que dar um jeito de... Fugir desse lugar!”.

Capítulo 2

Tentativa de fuga

A garota olha em volta. Ela está em um quarto comum de hospital, tem uma cama, que é onde ela está, uma poltrona do outro lado da sala, um *geláguia* e um armário. Ela tem uma leve impressão de que aquele quarto fica na ala de recuperação. A garota então tira o lençol, se levanta da cama e atravessa a sala até o armário. Chegando lá, ela abre o móvel e dentro encontra apenas três cabides pendurados a um ferro suspenso, cada um com uma peça de roupa diferente, e um par de sandálias pretas de salto alto na superfície inferior. No primeiro cabide há um sutiã branco de renda e uma calcinha comum preta. No segundo cabide há uma camisa roxa de mangas compridas de tecido. No terceiro há uma calça jeans comum. Ela olha para a porta, e, depois de achar que ninguém vai entrar, tira a roupa descartável que o hospital fornece aos pacientes e fica totalmente nua, depois, ela veste todas as peças de roupa e, por fim, calça as sandálias. Agora vestida, a garota caminha até a porta e olha pela fechadura. Consegue ver um corredor vazio e silencioso. Por um momento ela para e pensa, se sente assustada e aflita, com muito medo de ser pega, mas ela tem que arriscar, tem que ao menos tentar fugir, por isso respira fundo e sai da sala. No corredor, há dois caminhos, o da direita e o da esquerda. A garota, por sua vez, olha para um lado e outras duas vezes, e então decide ir pelo caminho da direita. Ela caminha a passos largos e rápidos até não ter mais caminho para frente e só haver uma curva para direita. Ela passa os dedos na parede enquanto caminha ofegante, e, quando está dobrando, percebe dois homens vindo na sua direção; se assusta e então recua bruscamente e se encosta na parede bem na extremidade do corredor. Ela ofega e tenta fazer o mínimo de barulho possível. Os homens pareciam ser médicos, e enquanto está imóvel, consegue escutar um deles reclamando sobre pacientes que não colaboram com a recuperação. Neste momento, a garota se lembra que todo paciente de hospital usa uma pulseira de identificação. Ela então

olha para os dois braços e confirma o que suspeitava quando vê uma pulseira branca com alguns nomes no seu pulso esquerdo. Rapidamente, ela quebra a pulseira e fica ali, imóvel, torcendo para que os médicos entrem em uma sala qualquer, e que não passem pelo corredor onde ela está. Uma porta bate e ela acha que o seu desejo foi realizado. A garota respira fundo e espera alguns segundos, depois olha de soslaio. Os homens sumiram. Ela então continua seu caminho nesse outro corredor. Ao fim dele, tem uma porta dupla com uma placa em cima com o nome “LANCHONETE”. Ela apressa os passos e se aproxima dessa porta, com duas viseiras de vidro, uma em cada porta. Pode-se ver o outro lado. Por sua vez, a garota olha apenas por uma viseira e arregala os olhos de medo ao ver que o grupo de indivíduos se aproxima da porta, provavelmente devem voltar ao quarto onde estavam. Ela se vira para a porta e corre o mais rápido que consegue, parando em frente à primeira porta que encontra em seu caminho. É uma porta simples e está trancada. A garota se assusta e corre até a outra mais próxima, mas quando tenta abrir, não consegue; trancada também. Ela se apavora e sai correndo desesperada, passando por uma terceira porta pelo caminho, mas essa ela nem tenta abrir com medo de estar trancada também, e perder mais tempo. Porém, assim que ela passa pela porta, escuta a porta dupla da Lanchonete se abrindo. “São eles!”. No impulso de correr, vira-se e volta até a porta que acabou de passar, e, para sua sorte, não está trancada. Ela abre e entra em uma despensa de limpeza cheia de vassouras. A garota se senta no chão atrás de algumas vassouras e só observa a porta enquanto escuta o grupo passar, o que leva mais ou menos 30 segundos, mesmo assim ela espera uns dois minutos para sair da despensa. Novamente lá fora, ela olha para um lado e outro para se certificar de que não há ninguém, depois caminha novamente até a porta dupla da Lanchonete, ergue a cabeça e entra.

A Lanchonete é um lugar bem grande, com várias mesas quadradas rodeadas de cadeiras e de pessoas sentadas. Pessoas de todo tipo, que só pela roupa, são facilmente distinguíveis. São médicos, secretárias e parentes de pessoas hospitalizadas. Do outro lado, ela vê uma mulher chorando e agarrada aos

braços de um homem. Então ela pensa, “*Aqueles poderiam ser meus pais... Ou não! Se acalma! Você não pode acreditar em ninguém, mas se eu não acreditar em alguém, como vou me lembrar das coisas? Não importa! Esqueça suas memórias e foque em sair daqui... Agora!*”. Ela balança a cabeça, depois a ergue novamente e atravessa o local como se fosse apenas uma visitante. Para a sua sorte, ninguém repara na sua presença, e, por isso, ela consegue chegar à porta do outro lado, tranquila e rapidamente. Ao passar por essa porta, ela se encontra em um outro corredor, porém é diferente dos outros. Tem uma porta dupla de vidro no final, na qual pode-se ver a rua, ou seja, uma porta de saída. A garota fica corada e não consegue impedir um sorriso, afinal ela conseguiu, “*Ainda não*”, ela pensa e então não consegue se segurar e sai correndo esperançosa em direção à sua liberdade. Ela já está quase chegando, com um sorriso estampado no rosto e pronta para enfrentar seja o que for, mas lá fora e com pessoas normais, quando de repente, alguém abre uma porta bem na sua frente. Ela nem percebe e bate de cara na porta. Uma pancada dolorida que a faz cair de costas no chão. A pancada foi toda na parte esquerda da testa, e, subitamente, a garota não está mais no hospital, ela está em outro lugar, ela tem um *Flash de Memória*.

... Eu estou sentada em uma cadeira particularmente pequena, com uma trava sobre as pernas e correntes que prendem a trava na cadeira, e que ficam entre as pernas. Eu consigo sentir o vento batendo fortemente no meu rosto, não só no rosto, mas no corpo inteiro. Estou sentada e girando, me sinto livre, estou... Voando! Espera, tem mais pessoas voando, e todas estão sentadas, e todas estão girando no mesmo sentido que eu. Não, eu não estou voando! É isso, eu estou em um brinquedo em um parque de diversões, em um Sombreiro. Fecho meus olhos e sinto a adrenalina fluir dentro de mim. A sensação é ótima, é como se eu realmente estivesse voando. Isso dura mais ou menos três minutos e quando me dou conta, o brinquedo parou. Abro os olhos

e vejo que todos estão saindo das cadeiras e descendo pela escada de saída do brinquedo. Eu solto a trava e desprendo as correntes, e quando meus pés tocam no chão, tudo ao meu redor gira. Eu me sinto tonta e enjoada e saio do espaço metálico do brinquedo aos tropeções. Só Deus sabe como consigo descer a escada de saída. Fora do brinquedo e ainda tonta, avisto um grupo de cinco pessoas, mas não consigo ver seus rostos. Elas são meras sombras que se aproximam de mim, e eu, por algum motivo, cambaleio na direção delas. Não sei porque, mas tenho a sensação de que conheço aquelas pessoas. Depois de dois passos, eu tropeço em uma pedra, giro e caio de costas no chão. Tudo ainda continua girando, minha vista está turva quando um garoto que nunca vi na vida se aproxima de mim, eu não consigo ver detalhes. Ele estende a mão para mim...

Num piscar de olhos a lembrança acaba e ela está de volta ao hospital. Porém há um detalhe estranho nisso tudo: o garoto que se aproximou dela enquanto estava tendo a lembrança está lá, na sua frente, com a mão estendida. Ela não entende bem o que aconteceu, mas acha que foi um simples caso de delírio. Ela misturou a realidade com a lembrança que estava tendo, mas racionalizar essas coisas faz sua cabeça doer, e muito. Há um líquido viscoso saindo de seu nariz. Ela não tem certeza, mas parece ser sangue. Assim como na visão, ela está tonta e desorientada, mesmo assim, ela consegue ouvir o garoto perguntando:

— Você está bem?

Ela tenta enxergar algo, mas tudo está embaçado. Novamente o garoto faz a mesma pergunta. A garota força para responder algo, mas não consegue, está desorientada, sentindo dor e não consegue dizer uma palavra sequer. Por fim, ela sente uma pontada no local da pancada que acabou de levar e então desmaia com a última visão dos grandes olhos amarelos do garoto tentando ajudá-la.

Capítulo 3

Amnésia Neurológica

A garota acorda atordoada e assustada. Ela está novamente no quarto, deitada na cama e, para piorar, o grupo dos indivíduos estranhos está lá, estão *todos* lá, todos fitando-a com olhos ameaçadores. Ela se senta, se encolhe e então diz atropeladamente:

— Por favor, não me façam mal, eu juro que eu não sou quem vocês estão procurando. Eu não escondi nada! Eu juro! Eu juro...

— Calma — diz um garoto que não estava no quarto antes. Ele aproxima-se da cama e olha dentro dos olhos da garota. Por um minuto, ela se acalma e analisa o rapaz. Ele é alto, sarado e robusto, tem uma pele bronzeada, que o deixa muito charmoso, e um cabelo liso e preto da cor de carvão, que ele usa arrepiado para cima. Ele tem uma aparência latina, assim como a odalisca, e seu rosto é um desenho perfeito, tudo bem alinhado. Está certo que seu nariz é quebrado, mas isso é só um detalhe que o deixa ainda mais charmoso, sem contar com seus belos lábios rosados. Ele é bem parecido com Berry, inclusive no jeito ousado de se vestir, usa apenas um tecido azul-marinho amarrado em volta da cintura que serve como cueca, uma coisa capaz de deixar qualquer pessoa desconfortável, pois dá a impressão de que vai cair a qualquer momento. Além disso, ele usa apenas uma capa sem capuz feita de um tecido grosso, mas leve, que vai até a sua fossa poplíteia. Em seu braço direito, bem perto do ombro, há um bracelete duplo de ouro sem detalhes. Na sua perna esquerda, ele usa duas pulseiras também de ouro, soltas, encostando uma na outra e ambas vizinhas ao seu pé. Essa roupa, ou a falta dela, destacam o peitoral definido e o abdômen sarado do garoto, sem contar com suas belas pernas, que também estão à mostra. O garoto é como a odalisca, fisicamente perfeito. Entre seu peito direito e o ombro tem uma tatuagem, que é um chapéu de bruxa convencional, e, assim como a tatuagem dos outros indivíduos, a dele também verme-

lha cor de sangue. Porém essa tatuagem nem existe na frente da enorme marca que ele tem no peito. Essa marca é como um sinal de nascença. Agora, o mais interessante é que é exatamente igual a de Berry, um “x” com as pontas arredondadas em espiral. Isso deixa a garota muito intrigada, o fato de ele ter a mesma marca que Berry, aliás, a mesma marca e no mesmo lugar. O rapaz aparenta ter 19 anos de idade. E, de tudo, tem uma coisa que deixa a garota irritadíssima, os olhos do rapaz, e não porque são feios ou estranhos, pelo contrário, são lindos e atraentes olhos amarelos, com pupilas iguais a de um gato. Com exceção da cor, os olhos dele e de Berry são iguais. É só nesse momento que ela percebe que foi ele quem abriu a porta e a fez desmaiar. — Foi você! Você abriu aquela porta e me fez desmaiar só pra me trazer de volta. Se afaste de mim! — diz com raiva.

O garoto não entende bem a reação da garota e diz em tom de deboche:

— O quê? Você está louca? Eu não fiz aquilo de propósito, foi um acidente! Além do mais, você não deveria ter fugido...

Ela olha para o garoto, depois para os outros indivíduos e suplica:

— Por favor, me deixem ir embora, eu imploro! Eu juro que não vou contar nada pra polícia...

Dessa vez, Indra a interrompe em tom debochado:

— *Tsc!* Essa garota é muito babaca! Que fique bem claro que eu sou contra a levarmos.

“*Como é que é?*”, a garota pensa, mas o que diz é:

— Me levar? Pra onde?

Zenon fica mais ou menos perto da cama e então começa:

— Bom...

“*TOC, TOC, TOC!*”

Alguém bate na porta, interrompendo-o. Todos olham para a porta e um homem velho, calvo e de cabelo branco entra e assim que vê o grupo no quarto, começa:

— Ei, o que vocês estão fazendo aq...

Zenon interrompe o velho, ordenando:

— Berry!

Rapidamente a odalisca se aproxima do velho e toca no seu

rosto. Ela olha fixamente nos olhos dele.

— Nós somos amigos da garota. Temos permissão para ficar aqui. Você não se importa com isso! Agora continue o que veio fazer... — ordena com voz suave.

O homem faz que sim e entra na sala fechando a porta. A garota não sabe mais o que fazer, porque além de estranhos, esses indivíduos parecem ser muito perigosos. Pelo jaleco branco e o crachá do hospital, ela vê naquele velho uma esperança, pois ele é médico. O velho atravessa o quarto como se não houvesse ninguém, exceto ele e a garota, se aproxima da cama e pergunta curioso:

— Enfim, você acordou. Qual é o seu nome?

Toda vez que alguém faz perguntas sobre seu passado, a garota se sente mal, porque ela não sabe o que responder. Sua cabeça lateja de dor toda vez que tenta se lembrar de qualquer coisa, inclusive de seu próprio nome. Então ela, em um último ato de esperança, diz assustada:

— Por favor, doutor, você precisa me tirar daqui... Essas pessoas, elas... São perigosas, elas querem me fazer mal...

— Calma! Está tudo bem, essas pessoas são amigas. Elas não vão te fazer mal algum; só querem o seu bem.

— Não! Isso é o que eles querem que você pense. Por favor, você precisa me...

— Já disse pra você ter calma. Olhe, para ajudá-la, eu preciso saber como você está, certo?!

A garota percebe que o médico está certo. Ela percebe que precisa colaborar, por isso tenta se manter calma e então faz que sim. O médico, por sua vez, sorri e pergunta:

— Tudo bem! Qual é o seu nome?

— Eu não sei, não me lembro...

— Hum! Sabe quem são seus pais?

— Não sei, eu não me lembro de nada!

— Não se lembra de nada que aconteceu antes do acidente?

— Que acidente?

— Bom, eu esperava que você me contasse.

A garota está completamente confusa, pois descobriu só agora que sofreu um acidente. Ela pensa, *“E se meus pais tiverem morrido nesse acidente, ou meus amigos, isso é, se eu*

tiver amigos”, porém a coitada não consegue se lembrar de nada. E, só agora ela recorda de que teve uma leve lembrança de que estava em um parque de diversões, então sem perder tempo, ela admite:

— Digamos que eu tive uma pequena lembrança.

— Muito bem, me conte...

Sem hesitar conta tudo sobre a sua lembrança, exceto a parte em que o garoto de olhos amarelos aparece, ela ainda não sabe se essa parte realmente aconteceu e tem quase certeza de que foi uma ilusão do passado com o presente. Neste momento, a cabeça dela dói, como se um agulha tivesse perfurado sua têmpora esquerda e atravessado seu crânio. Ela faz uma careta insinuando dor, logo uma expressão preocupada surge no rosto do médico, e ele pergunta:

— O que foi?

— Dor de cabeça, só isso.

A garota está muito intrigada e curiosa, pois quer muito saber sobre esse acidente, afinal pessoas próximas a ela podem estar hospitalizadas também, ou pior... Mas ela tenta não pensar nessa possibilidade. Ela olha para o velho com olhos baixos e pergunta apreensiva:

— E esse acidente, é... Alguém mais se machucou, quero dizer, algum parente ou amigo?

— Eu não sei quem são seus parentes ou seus amigos, mas pode ficar tranquila, você foi trazida sozinha ao hospital. Tem mais, não houve um acidente grande, se não teriam anunciado nos telejornais. Deduzi que você deve ter levado algum tipo de queda e bateu violentamente a cabeça em algo muito concreto, pois você sofreu traumatismo craniano muito grave, sem contar que você teve uma concussão cerebral logo depois da pancada. Sua sorte é que te trouxeram rapidamente para o hospital. Você passou por uma cirurgia e só Deus sabe como você sobreviveu e se recuperou de forma tão rápida, porque o seu caso, minha jovem, parecia irreversível.

— Entendi. Mas se eu estou recuperada, por que não me lembro de nada?

— Bem, seus sintomas não mentem. Você está com Amnésia Neurológica...

— Quê?

— Me diga uma coisa, você acordou pouco antes de eu chegar?

— Não! Eu acordei um bom tempo antes do senhor chegar.

— Então aposto que você não se lembra do que aconteceu logo depois que você acordou, estou certo!?

Errado! A verdade é que a garota se lembra de todos os acontecimentos após o seu despertar. *“Eu acordei atordoada, não me lembrava de nada. Estava rodeada de indivíduos estranhos que mais pareciam personagens de filmes de fantasia. Eles disseram que eu escondi um amuleto e até me deram algo para beber, algo que me deixou estranha e tonta. Depois eu tentei fugir, quase fui pega, e agora estou aqui, de volta ao quarto graças a um maldito garoto de olhos amarelos que abriu acidentalmente uma porta que atingiu em cheio a minha testa, fazendo-me lembrar de que estive em um parque de diversões algum dia. Enfim, não consegui fugir e acabei voltando para esse maldito quarto”*. Ela respira fundo, estranhamente sua cabeça não dói quando ela se lembra das coisas que aconteceram depois do seu despertar. Ela então diz com segurança na voz:

— Na verdade, doutor, eu me lembro sim, de tudo!

O velho fica intrigado com a resposta da garota, então retruca:

— Que estranho...

— Por quê?

— A Amnésia Neurológica é causada por uma lesão nas regiões do cérebro que criam as memórias, o Córtex, particularmente no Lobo Temporal, e o Hipocampo. Essas partes do cérebro formam as vias neurais que transformam as memórias sensitivas curtas em longas. Quando ocorre esse tipo de amnésia, é como cortar uma linha telefônica, para quem está do outro lado da linha não há informação, pois o caminho para a informação foi interrompido. Se não há uma via por onde as informações possam passar, o cérebro não consegue formar novas memórias nem recuperar memórias antigas, ou seja, o paciente não consegue lembrar nem de lembranças que precedem, nem que sucedem o acidente. Você me disse que não consegue se lembrar de nada que viveu antes do acidente...

— Isso mesmo! É como se eu nem tivesse vivido.

— Pois é, isso raramente acontece, mas já tratei de pacientes assim. Agora um paciente que consegue se lembrar das coisas depois de acordar, isso eu nunca vi nos meus 62 anos de trabalho. Você tem um tipo muito raro de amnésia.

— Quer dizer que eu vou ficar assim pra sempre?

O médico ri e depois explica com um enorme sorriso no rosto:

— Claro que não! Você mesma disse que já teve uma pequena recordação do passado e isso é um bom sinal, mostra que você vai sim, se lembrar de tudo o que já viveu. Pode ser que demore um pouco, mas não se preocupe, tudo vai ficar bem!

Ela gosta do médico. Ele passa uma tranquilidade que ela ainda não conseguiu obter nesse pouco tempo depois de acordada. Além disso, ele é gentil e habilidoso com as palavras, afinal mesmo estando com a cabeça perturbada, conseguiu entender perfeitamente o que se passa consigo. Por todos esses motivos, pela primeira vez depois de acordada, a garota sorri:

— Obrigada, doutor! — diz sinceramente.

O velho aumenta seu sorriso e então diz:

— Estou aqui pra ajudar! Agora vou preparar a sala de ressonância magnética para fazermos um exame nessa sua cabeça, só para termos certeza de que está tudo bem mesmo. Volto em alguns minutos, enquanto isso descanse e mantenha a calma.

O médico atravessa o quarto até a porta, porém antes de sair, ele olha novamente para ela: — Eu sei que é ruim não lembrar das coisas, mas pense pelo lado positivo, pelo menos você está viva e bem — diz num tom encorajador.

E então ela pensa, *“É, estou viva, mas não tenho uma vida, ou pelo menos não me lembro de ter tido uma”*. O médico sai e a porta bate atrás dele. A garota, por sua vez, olha para os indivíduos, que agora somam sete com o maldito garoto de olhos amarelos. Ela não perde tempo, olha para Zenon e vai direto ao ponto:

— Acho que agora você deveria pelo menos me contar pra onde pretendem me levar.

Zenon parece ser um homem sério e não é possível ver

suas expressões por conta da roupa que esconde seu rosto. Ele também não perde tempo e começa:

— Bom...

Mais uma vez ele é interrompido, só que agora por um garoto que abre a porta do quarto, escancarando-a. Apolo se zanga com as interrupções e então solta indignado:

— Mas que droga!

Zenon por sua vez, ordena:

— Berry!

— Sim, chefe!

A odalisca se aproxima do jovem para fazer aquele mesmo truque dos olhos que fez com o médico, porém quando ela se aproxima do garoto, que toca nele, ele a empurra com força e brutalidade:

— Sai da minha frente!

Berry cai no chão e enfim ele e a garota se olham. Para ela, ele é só mais um idiota querendo encher o saco, mas para ele, é como se estivesse vendo um ídolo, pois seus olhos se enchem de lágrimas de tanta emoção. O grupo se prepara para atacar o jovem, quando ele rapidamente se aproxima da cama e abraça fortemente a garota como se sua vida dependesse disso. A garota fica muito confusa e com raiva, afinal como um completo estranho entra no quarto daquele jeito, empurra a sua mais nova colega no chão e ainda a abraça? *“Ele deve estar querendo se aproveitar de mim”*, ela pensa indignada e só então percebe que não se lembra de como é fisicamente, nem mesmo isso ela consegue lembrar. Mesmo assim, mesmo que ela seja feia, não importa, isso não é jeito de um garoto se portar com uma garota doente, por isso, ela força os braços e consegue afastá-lo. Agora tudo fica mais constrangedor, pois ele está chorando. Ela, como sempre, não consegue entender nada, por isso pergunta irritada:

— Quem você pensa que é?

O jovem engole o choro. — Do que você está falando, Leticia? — pergunta atropeladamente.

“O que? Então esse é o meu nome?”, ela pensa, mas o que diz é:

— Ora, você entra no quarto alheio empurrando os outros

na maior falta de educação e ainda me agarra como se fosse um tarado. Quem você pensa que é pra fazer isso?!

Nesse momento, a expressão do garoto mostra que ele está mais confuso do que a garota, que está com amnésia. Ele responde a pergunta dela da forma mais inocente possível:

— Leticia, sou eu, o Yago, seu namorado.